

A EXCLUSÃO DOS DISCURSOS DOS DITOS INCLUÍDOS, ROMPENDO O SILÊNCIO

FERRAZ, Marco Aurélio Freire – UFRGS / FAGED / PPGEDU ¹ –
mferraz@terra.com.br

GT: Educação Especial / n.15

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Inspirado nas histórias de grandes travessias e na possibilidade de explorar um tema tão caro como é a trajetória dos alunos ditos especiais, tenho investido na construção de um projeto de dissertação que tem se materializado a partir da idéia de tornar possível uma escuta ao discurso de alunos com necessidades educativas especiais com ênfase na deficiência mental, que tenham iniciado sua história escolar na educação especial, e nela permaneceu, aqueles que tenham sido incluídos no ensino regular e ainda aqueles que fracassaram nesse processo e tenham retornado para escola especial. Costurado pela analogia ao mar e seus mistérios, navego no movimento de idas e vindas, sem um porto estável onde aportar.

A Nau dos Insensatos que inspirou a introdução do projeto, é descrita por Michel Foucault em “A História da Loucura” (1961) e refere-se ao mesmo sentido que as Naus dos loucos ou insensatos da Idade Média, “navios que carregavam insanos em busca da razão” um estranho barco que deslizava pelos rios e mares, levando uma carga insana, partia sem um rumo definido. Num mergulho rumo ao desconhecido. Os tripulantes embarcavam em uma viagem sem fim, flutuando num mar sem fim, sem bordas, sem ancoragem. Portanto sem um lugar definido para chegar.

Os alunos das Escolas Especiais, diferente dos loucos da Idade Média, foram nomeados Portadores de Necessidades Educativas Especiais e estão sendo “convidados” a embarcarem em uma Nau, em sentido metafórico, para um lugar pré-determinado, a Escola Regular, como os insensatos do início da modernidade, não escolheram partir nesta viagem, o convite para essa travessia foi feito por estranhos.

Ao chegar neste novo lugar, a escola regular, talvez sejam recebidos como estrangeiros, pois seu jeito de comunicar-se e aprender, são distintos. Alguns deles com seus corpos marcados são mais diferentes que os diferentes daquele lugar.

No Projeto de Dissertação que se encontra em fase de construção, pretendo centrar-me no momento da travessia, movimento dos alunos com deficiência mental, entre os fenômenos da inclusão e exclusão na Escola Regular e/ou na Escola Especial,

¹ Linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação

tomando como ponto central de pesquisa os discursos desses alunos, resgatados a partir de artefatos que compõem suas próprias histórias de vidas escolarizadas.

Por fazer parte deste universo que proponho analisar, tenho considerado fundamental explicitar as trajetórias pelas quais tem passado a Educação Especial e destacar suas crises na perspectiva de compreender as diversidades com as quais nos deparamos no ato de educar.

Não pretendo apresentar novas verdades, pois acredito que elas não existam, centralizadas em um ou outro ponto da travessia, mas refletir sobre novas perspectivas que os Estudos Culturais permitem para tratar um tema tão importante como é a inclusão, vista neste projeto sob a ótica dos próprios alunos. Contribuindo para problematizar idéias tidas como verdades. .

Inspirado pelas idéias de Michel Foucault, me permito identificar esses alunos com os chamados anormais, considerando a busca insistente de colocá-los em uma determinada norma que os capture, que lhes normatize, para com isso conduzi-los à normalidade.

Pronunciado no Collège de France, de janeiro a março de 1975, o curso sobre “Os Anormais” dá continuidade às análises que Michel Foucault consagrou a partir de 1970., aprofundando questões como saber, poder, normalização e biopoder. É a partir de múltiplas fontes, jurídicas e médicas, entre outras, que Foucault aborda o problema desses indivíduos “perigosos” que no século XIX eram chamados de “anormais”, destacando a formação de um saber e de um poder de normalização. A partir dessa discussão poderia dizer que esses eram os indivíduos que de uma forma ou outra escapavam a uma norma, porém eram capturados por outras, considerando que ninguém escapa a norma. Segundo o mesmo autor são três as figuras principais de caracterização dos anormais os monstros, os incorrigíveis e os onanistas.

Sendo assim o indivíduo considerado anormal é aquele que segundo o referido autor deriva-se ao mesmo tempo da exceção jurídico-natural do monstro das multidões, dos incorrigíveis, detidos pelos aparelhos de adestramento, e do universal secreto das sexualidades infantis.

Na lógica de uma reflexão atual sobre a sociedade e o princípio de exclusão, ainda percebendo o quanto os discursos dos alunos da Escola Especial, estão envoltos nestas lógicas, reporto-me a época da alta Idade Média, na oposição razão e loucura. “O louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros”. Hoje os alunos com

necessidades educativas especiais, poderiam ser facilmente comparados aos loucos da Idade Média, pois o olhar a eles lançado ainda é de estranheza, ainda é preciso romper as barreiras do silêncio, das palavras ingênuas, para que os mesmos possam ter na expressão desses discursos, as suas idéias compreendidas.

Pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (Foucault.1970. p.11)

Apesar de considerar que o conceito de loucura aproxima-se muito mais da Doença Mental do que da Deficiência Mental, este termo é utilizado no texto como elemento de costura no resgate histórico das posições tomadas, em nome da normalidade, o que de fato aproximaria os indivíduos aqui estudados das duas vertentes.²

Em “A História da loucura” por exemplo, Foucault revela a trajetória dos muitos séculos, durante os quais a palavra do louco não era ouvida e se ouvida, o era com ouvido que a filtrava como dotada de uma razão ingênuo ou astucioso, ou seja, como um discurso diferente, do lugar de quem poderia exercer uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. Por volta do século XVIII a palavra dos loucos passa a ser o mecanismo pelo qual era reconhecida sua própria loucura, então o que era dito é observado como e por que era dito, essa palavra passa a fazer a diferença.

A escolha de pesquisar alunos com deficiência mental é fruto da minha experiência na Escola Municipal Especial, onde a ênfase de atendimento se dá para este tipo de aluno. Essa escolha também se deve por verificar que os campos de pesquisa na educação inclusiva, tanto para alunos cegos quanto para surdos ou superdotados, tem se dado em um outro patamar de discussão devido se estar, na maioria das vezes, lidando

² O primeiro passo no estudo independência da condição da deficiência e doença mental ocorreu no início do Século XIX, quando se estabeleceu a diferenciação entre idiotia e a loucura. Existe uma tendência mundial de estar reconhecendo o termo Doença Mental como transtorno Mental e Deficiência Mental como deficiência intelectual

com situações onde as constituições cognitivas estão preservadas, o que de certa forma não é o caso dos alunos com deficiência mental.

Pretendo fundamentar a pesquisa a partir de situações em que mais do que ouvir as vozes dos alunos, será necessário permitir o aparecimento da pluralidade dos discursos e do conjunto de enunciados que poderão ser evidenciados, trazendo consigo um certo número de efeitos de poder

Apesar de ser uma discussão importante quanto ao processo de inclusão, nesse projeto não estou em busca de um lugar para os incluídos, mas um espaço de autoria. Na construção do projeto os alunos envolvidos entrarão como co-autores, pois me emprestarão relatos de suas histórias de escolaridade, para que a partir delas possa compor um conjunto de textos que serão analisados dentro de metodologias que permitam considerar os diversos discursos que lhes dão sentido. Posso apresentar algumas certezas, mas muito distantes de serem consideradas verdades, por dois motivos: um por que toda verdade pode ser relativizada quando atravessada pela cultura, principalmente em nossa linha de pesquisa em Estudos Culturais e outro por que as certezas que apresento, são indicadores de possibilidade para pesquisa e não a própria pesquisa.

Nas observações realizadas, no trabalho com alunos da escola especial, tenho percebido que a comunicação, é um processo importante nas relações escolares. Principalmente quando passo a percebê-las como discursivas e não discursivas. Sendo um imperativo verificado de que nas diversas situações, que envolvem os alunos, sempre esses tiveram algo para ser dito, seja em gestos, pequenas vocalizações, através de desenhos ou com a própria fala.

As situações cotidianas levaram-me a perceber melhor que processos de comunicação incompreendidos, desencadeavam problemas e conflitos entre os alunos, professores, funcionários e famílias. Na maioria das vezes esclarecidas através de um desenho, gestos ou falas. Questões que exigiam a armação de cenas de escuta, através das quais realizamos importantes aprendizagens. O exercício da constituição de espaços de fala na escola, fizeram-me refletir sobre qual seria a opinião dos alunos, sobre um tema da atualidade que envolve de forma significativa sua vida escolar, o tema da inclusão.

A inclusão tem sido foco de discussão em diversos fóruns, com a participação de educadores, legisladores, famílias e outras tantas pessoas interessadas pelo assunto. No entanto passei a observar que faltava nestes fóruns a fala dos alunos. Tal situação

começou a fazer parte de minhas inquietações, perguntava-me: por que os alunos não são chamados a falar?. Será pela crença de que por serem deficientes mentais suas opiniões seriam teoricamente desprovidas de certa racionalidade, o que tornaria de imediato sua fala sem sentido? Por essa fala não estar inscrita, em um padrão de normalidade, estaria em uma outra ordem do discurso, que não a esperada por quem faz as leis? Se considerarmos que há então um discurso capaz de contribuir para a qualificação do processo de inclusão, como dar visibilidade a este discurso?

Alguns pontos de convergência me levam a estruturar minhas abordagens levando em consideração a importância e imergir no interior das relações escolarizadas dos envolvidos na pesquisa, vivenciar o cotidiano de suas relações com a escola e com o processo de inclusão, para através da escuta dos discursos e enunciados, retornar a minha perspectiva de pesquisador e traçar possibilidades de análise, utilizando para isto a possibilidade de registro a partir das histórias da vida escolar e principalmente nos discursos dos alunos. Como relatos que já tenho recolhido durante o processo de escrita, onde desenhos dos alunos são recolhidos como subsídios. Para aqueles que já tiveram experiências no Ensino regular, é proposto que desenhem a escola de onde vieram e a escola especial, fazendo comentários sobre os desenhos, falas muito significativas têm acompanhado esses desenhos o que tem definido, de certa forma a necessidade de anexá-los ao projeto e conseqüentemente como ilustração no pôster a ser apresentado.

REFERENCIAS

- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa. **Estudos Culturais Educação e Pedagogia**. Revista Brasileira de educação. V.23.Mai-Jun/ago, 2003.p36-61
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. 3a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1972].

_____. **Resume dos Cursos do Collège de France (1970- 1982)** Tradução de Andréia Daher; consultoria Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.